

Todos Pagamos o Preço de uma Educação Inadequada

BELFIELD, Clive R. e LEVIN, Henry M.
Washington D.C.: Brookings Institution, 2007.

▮ Fernanda Tavares Pacheco *

O tema geral do livro *The Price we Pay: Economic and Social Consequences of Inadequate Education* foi desenvolvido no Primeiro Simpósio Anual de Professores sobre Equidade Educacional, realizado pela Campanha para Equidade Educacional dos professores da Universidade Columbia no período de 24 a 26 de outubro de 2005. O simpósio teve como tema “*Os custos sociais de uma educação inadequada*” e identificaram as suas consequências para a sociedade, por fazer parte substancial da população recebendo uma educação inadequada do ponto de vista social, político, econômico e demandas pessoais da vida adulta. A segunda fonte foi o projeto “*Os custos e os benefícios de uma excelente educação para todas as crianças da América.*” Este projeto de pesquisa foi desenvolvido comparando custos do crescente público das escolas secundárias com os benefícios públicos que resultaram, sob a forma de retorno em renda, menor criminalidade.

O livro foi organizado por Belfield e Levin, que no capítulo primeiro questionam se investir em uma excelente educação para todas as crianças é um “bom negócio”, pois a educação é cara e o investimento tende a ser muito alto. No entanto, uma educação pobre e inadequada pode ter efeitos sociais muito mais caros. Assim os co-autores da obra examinam os custos de se investir em serviços para prover uma excelente educação e também os custos do não investimento.

No capítulo segundo, Rothstein e Wilder descrevem as diferenças entre brancos e negros em dez amplos domínios: empreendimentos acadêmicos, gravidez, parto, neonatal e infância, acesso ao sistema de saúde, real saúde das crianças, início da infância e escolas prontas, uso das horas fora da sala de aula nos anos escolares, saúde das crianças em idade escolar, realização educacional, segurança econômica e características de vida adultas não econômicas. Esta investigação concentra-se nos

* Mestranda da Universidade Católica de Brasília (UCB). *E-mail:* fernanda.pacheco@uniceub.br.

baixos e desiguais níveis de educação da população dos EUA. O foco nas diferenças entre brancos e negros ocorre pelo fato que a sociedade americana tem raiz na escravidão e a segregação criou um “hiato moral”, e também porque os dados disponíveis sobre brancos e negros são mais completos. As maiores disparidades entre os dois grupos étnicos ocorrem no campo educacional. As diferenças começam a afetar as crianças negras antes do nascimento: 25% das grávidas negras não fazem o pré-natal no primeiro trimestre, contra 11% das grávidas brancas, 9 em cada 1000 recém nascidos negros morrem, contra 4 recém nascidos brancos. Crianças negras são mais desnutridas, pois não consomem os nutrientes adequados. Assim, crianças anêmicas têm suas habilidades cognitivas afetadas. Em média 19% das crianças negras abaixo de 5 anos são anêmicas, contra 10% das crianças brancas. Entretanto, sob alguns aspectos a saúde dos jovens negros é superior a dos brancos: estudantes secundaristas negros são menos propensos a se envolver no abuso de drogas que os brancos: 9% dos negros avaliados fumam regularmente, em comparação com 28% dos brancos, 1% dos negros avaliados usa cocaína regularmente, metade do percentual de brancos que faz isso.

No capítulo terceiro, Tienda e Alon relatam que os EUA vivem um momento histórico, pois, ao contrário de vários países do Oeste Europeu, que possuem um índice de fertilidade baixo, vêem que a população continua crescendo em função do alto índice de imigrantes férteis. O crescimento da população representa novos trabalhadores, mas, numa economia global, a quantidade é tão significativa quanto os problemas. Em torno de 2030 projeta-se que 40% da população dos EUA serão compostos de negros, hispânicos e asiáticos. Segundo o Instituto de Imigração, em torno da metade da força de trabalho dos anos 90 foi composta de novos imigrantes, e projeta-se que os trabalhadores domésticos, nos próximos 20 anos serão filhos de imigrantes. Por outro lado a chance de crianças de baixa renda obterem o título de bacharel não mudou em 3 décadas (1970 – 2002), uma vez que somente 6% de estudantes originários de famílias de baixa renda obtiveram o diploma de universidade.

No capítulo quarto, Balley conclui que a educação é a base do crescimento da produtividade, não somente porque os trabalhadores capacitados são mais produtivos, mas porque as mudanças tecnológicas que generalizam a produção são dependentes da disponibilidade de mão de obra capacitada. As tecnologias futuras consideram 5

habilidades para os trabalhadores: especialistas, comunicação complexa, tarefas de rotinas cognitivas, tarefas de rotinas manuais, tarefas manuais não rotineiras, com isso a competitividade internacional vai se basear na imaginação, inovação e aumento de atividades baseadas em altos níveis de competências técnicas. Os EUA precisam de trabalhadores com alto nível de especialização, o custo da educação tem aumentado acima do crescimento da renda. Estes desenvolvimentos estão tirando lugar de um tempo de grande resistência para aumentar os investimentos públicos em alta educação.

No capítulo quinto, Rouse aponta as desigualdades de renda que resultam das diferenças de realização educacional, e os custos não afetam apenas os indivíduos, mas o sistema social. São citados vários estudos que demonstram que cada ano adicional de instrução oferece índices significativos de renda, da ordem de 11% por ano adicional de estudo. Aproximadamente 600.000 estudantes com 18 anos de idade abandonaram o ensino secundário e talvez nunca venham a receber um diploma. Desse modo estima-se uma perda de ganhos salariais na vida de 56 bilhões de dólares, o que provoca uma elevada perda na arrecadação de impostos. Com boa educação aumenta-se o nível salarial e, assim, é possível arrecadar mais imposto de renda, que podem ser aplicados na melhoria da educação.

No capítulo sexto, Muennig avalia os efeitos danosos à saúde a partir de uma educação inadequada e conclui que pessoas com mais educação tipicamente têm uma vida mais longa e saudável. Quem completa o ensino secundário vive de 6 a 9 anos a mais do que quem abandona o estudo. Pessoas com mais estudo tendem a ganhar mais dinheiro e certamente têm algum estresse em suas vidas, mas em função de terem muitas coisas a fazer. Por outro lado, examinando os benefícios relacionados à educação, se ganha 1,7 anos de vida saudável a cada nível de graduação concluído, que valem aproximadamente \$183 mil dólares.

No capítulo sétimo Moretti relaciona algumas das muitas teorias relativas à expectativa de redução dos crimes em função do melhor nível escolar: pela melhoria dos ganhos em trabalhos legítimos; cultura de respeito mútuo; ganhos indiretos com adolescentes que passam a entender melhor as consequências de suas decisões. Estar preso significa maior tempo fora do mercado de trabalho, sendo sustentado pelo governo. No capítulo oitavo Waldfogel, Garfinkel e Kelly abordam os três principais programas

desenvolvidos pelo governo para o bem estar da população e como estes são afetados pelas falhas na educação: assistência financeira; assistência com comida; assistência com moradia. Vale destacar que o grupo de mães solteiras que não concluíram o ensino secundário tem maior probabilidade de necessitar de programas governamentais do que aquelas com nível de graduação e pós-graduação. Todas estas considerações são probabilidades e podem estar sub ou superestimadas, mas pesquisas futuras poderão mostrar o percentual de acerto destas previsões.

No capítulo nono, Belfield e Levin avaliam os benefícios econômicos substanciais de mais educação. O desafio: o de encontrar intervenções educativas que ajudem as crianças a alcançar a graduação no ensino secundário e outras metas de educação, a um custo razoável. No entanto, este desafio é mais difícil do que parece. Algumas crianças vivem em condições que facilitam o aprendizado, muitas outras vivem em famílias com baixa renda, casas pobres, nutrição inadequada, insuficiente tratamento dentário e cuidados com a saúde, o que acaba minando o desempenho educacional e limitando os benefícios que derivam de uma boa instrução. Embora os benefícios econômicos da formatura do ensino secundário apareçam de forma substancial, os custos do baixo desempenho podem ser bastante grandes também.

No capítulo dez, Belfield questiona até que ponto a educação anterior ao jardim de infância (Pré-K) pode reduzir as desigualdades sociais e econômicas. Para os defensores, a resposta é direta. Parte das crianças apresenta lacunas substanciais ao entrarem na escola, e essas diferenças persistem e são reforçadas por toda a infância. Existem quatro caminhos para que a educação pré-escolar afete o desenvolvimento. O primeiro é que a pré-escola gere vantagens cognitivas na criança, este caminho é o mais sensato e tem sido objeto de intensivos testes. O segundo é a pré-escola melhorar o suporte familiar para a criança. O terceiro é uma fundamentação pré-educacional que garanta o sucesso na escola. O quarto caminho é a pré-escola proporcionando uma prévia socialização e comportamentos afetivos que serão importantes para a vida. Importantes elementos desta história são verdadeiros: programas pré-escolares têm efeitos duradouros sobre os comportamentos, especialmente para os mais desfavorecidos, e estes efeitos são fortemente percebidos no bem estar dos adultos. Entretanto a promessa de uma pré-

escola eficiente está longe de ser alcançada, pois requer mudança nos programas existentes e reorganização institucional.

No capítulo onze, Ferguson levanta o desafio necessário para eliminar a lacuna existente entre crianças de diferentes origens étnicas nos EUA. Há razões para se ter esperança. Desde meados dos anos 1970 essas diferenças diminuem. Por exemplo, comparando brancos e negros com idade de 17 anos, houve diminuição de mais de 60% do hiato no rendimento de leitura entre 1971 e 1988.

No capítulo doze, Rebell analisa o desafio enfrentado pelas escolas e instituições sociais americanas em função das inadequadas e desiguais oportunidades oferecidas para muitos jovens afro descendentes e latinos de baixa renda. Falta de oportunidade é uma ameaça social porque, com educação inadequada, as pessoas são mais propensas a serem presas ou encarceradas, engravidarem, usarem drogas, terem experiências violentas e precisarem de assistência pública. Numa época em que as habilidades e conhecimentos são altamente exigidos na disputa pelos melhores empregos, muitos jovens não obtêm educação digna, simplesmente porque seus pais não têm a renda ou a cor da pele exigida. Esta é uma mancha na moral dos EUA, ou de qualquer outra nação. As pesquisas mostraram um retrato detalhado com os dados de crescimento do crime, falta de compromisso com a saúde, deficiente preparação para o mercado de trabalho competitivo e receitas de impostos perdidas pelos EUA em função de uma educação inadequada e desigual. Uma abordagem abrangente das oportunidades educacionais deve ser centrada nas necessidades das crianças em pelo menos uma dúzia das seguintes críticas na escola e fora das áreas de ensino: alta qualidade dos programas de educação infantil; rigorosos e desafiadores currículos e avaliações; alta qualidade de ensino; eficiência; liderança educacional; tamanho de turmas; cuidados com a saúde mental e física; suporte acadêmico para alunos de inglês como segunda língua; apoio para estudantes de educação especial; apoio acadêmico para crianças em áreas com alta concentração de pobreza; efetivo controle fora da escola, comunidade, e programas de verão; efetivo envolvimento dos pais e suporte familiar; políticas que fomentem escolas raciais e economicamente diversas, mesmo com análises cuidadosas de custo-benefício e eficazes mecanismos de responsabilização, receitas adicionais são necessárias para fornecer uma gama de serviços abrangentes para crianças pobres, a

fim de atingir as metas de ensino nacional. Entretanto, três fatos críticos devem ser mantidos na mente ao considerar esta realidade. Primeiro, embora atualmente os EUA tenham a maior despesa *per capita* no mundo para a educação de nível superior, é apenas o terceiro em gastos com educação básica, é o quarto para o ensino secundário, e no fundo do poço em gastos pré-escolares. Finalmente, as pesquisas revelaram o desejo da esmagadora maioria do público americano (59 a 75%) para pagar mais impostos desde que o dinheiro seja bem gasto na educação. É preciso criar uma agenda para interligar as pesquisas educacionais e as políticas focalizadas nas melhorias da escola básica, bem como da família, saúde e serviços sociais.

Recebido em: 08/06/2010

Aceito para publicação em: 30/06/2010